

PLANOS UTÓPICOS

concretude e subjetividade da cidade

Organizadoras: Havane Melo e Nivalda Assunção



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

PLANOS UTÓPICOS

concretude e subjetividade da cidade

Organizadoras: Havane Melo e Nivalda Assunção

Brasília-DF
Editora Universidade de Brasília
2024

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

PLANOS UTÓPICOS

concretude e subjetividade da cidade

Adriana Araujo
Ana Lúcia Canetti
Anésio Azevedo
Capra Maia
Havane Melo
Karine de Lima
Léo Tavares
Nivalda Assunção
Paulo Vega Jr.
Priscilla Rampin

Brasília-DF
Editora Universidade de Brasília
2024

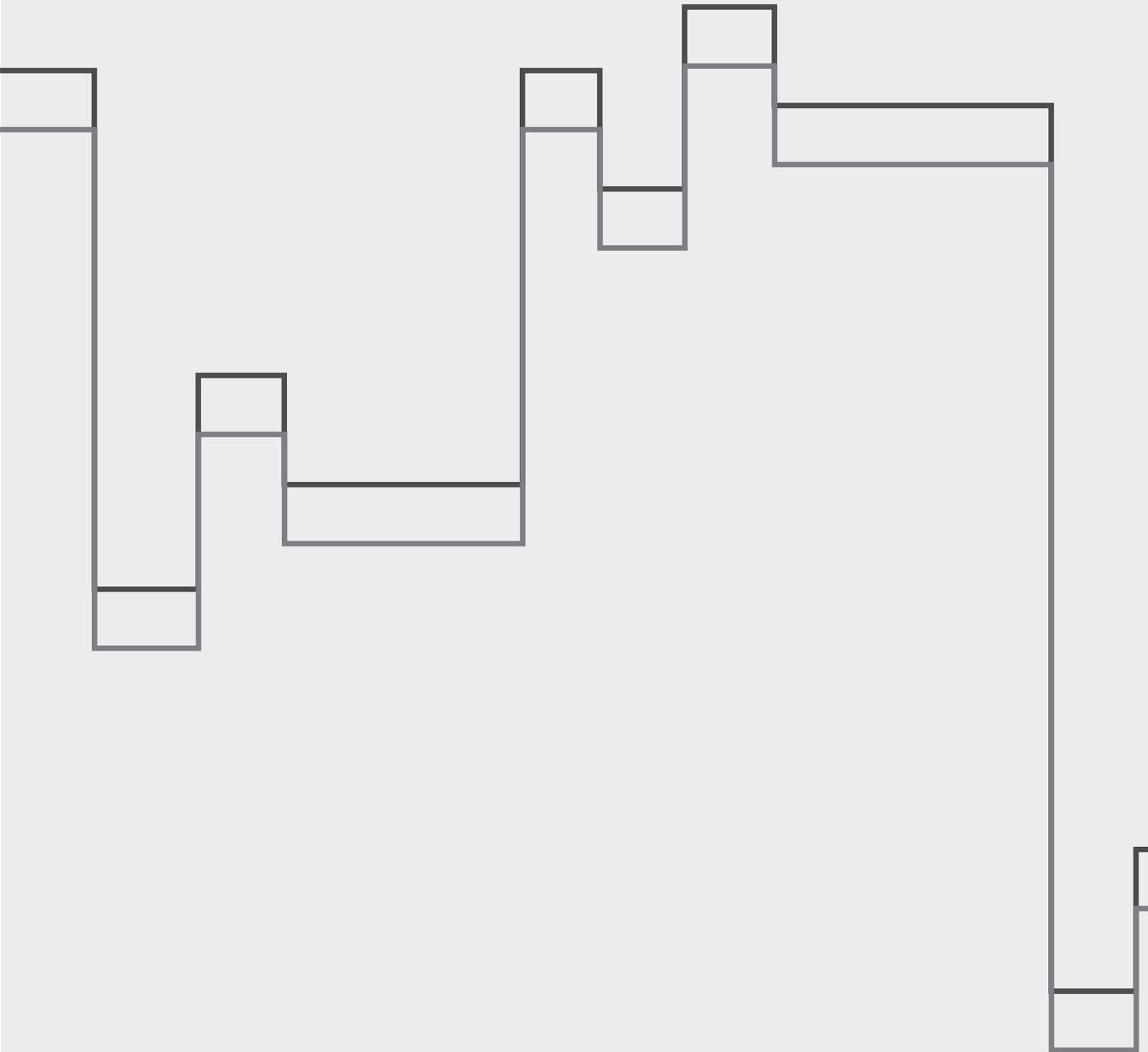
SUMÁRIO

Apresentação

GEPPA	7
Texto curatorial	9
MUnA	11

Exposição Planos Utópicos

Capítulo 1 Do cruzamento à encruzilhada, de Adriana Araujo.....	14
Capítulo 2 Colher e transformar os restos: poéticas das cinzas em terras queimadas na capital do Brasil, de Ana Lúcia Canetti	28
Capítulo 3 espaços inquietos, de Anésio Azevedo Costa Neto (stellatum_)	39
Capítulo 4 Processos escultóricos orientados para a (des)semelhança: o modular manual de cinza sobre cinza, de Capra Maia	46
Capítulo 5 A ponte entre verdade e ficção percorrida pela captura da imagem nas obras <i>Estranhas diversões e Memórias, sombras e cicatrizes</i> , de Havane Melo	54
Capítulo 6 <i>Sobre ser céu</i> , de Karine de Lima	68
Capítulo 7 Brasília utópica, verbovisual, imaginária: cotidiano e paisagem urbana na colagem contemporânea, de Léo Tavares	77
Capítulo 8 O insólito dos planos utópicos: desvios como retratos de uma cidade, de Nivalda Assunção	86
Capítulo 9 Linhas de desejo, de Paulo Vega Jr.	95
Capítulo 10 Notas sobre a melancolia, de Priscila Rampin	101
Biografias	114
Agradecimentos	119
Ficha técnica	120



CAPÍTULO 8

**O insólito dos
planos utópicos:
desvios como
retratos de
uma cidade.**

Nivalda Assunção

As obras *Pescar a linha do horizonte* (2016); *Escada para o cerrado* (2017); *Bifurcação* (2022) e *Terra vermelha* (2023) fazem parte de uma exposição idealizada e realizada pelo Grupo de Estudos, Pesquisas e Práticas Artísticas (GEPPA), da UnB, credenciado ao CNPq, nomeada Planos Utópicos, com curadoria de Giovanna Capra Maia. Esse conjunto de obras, entre fotografias e vídeo, exploram uma interseção da cidade e as disseminações de vivência corporal, da ecologia urbana e da intervenção de um corpo feminino nas águas do lago Paranoá, insígnia de um imaginário da urbs projetada, lago artificial mas que, paradoxalmente, porta sentidos de comunidade, já que é frequentado por turistas, banhistas e até pescadores.

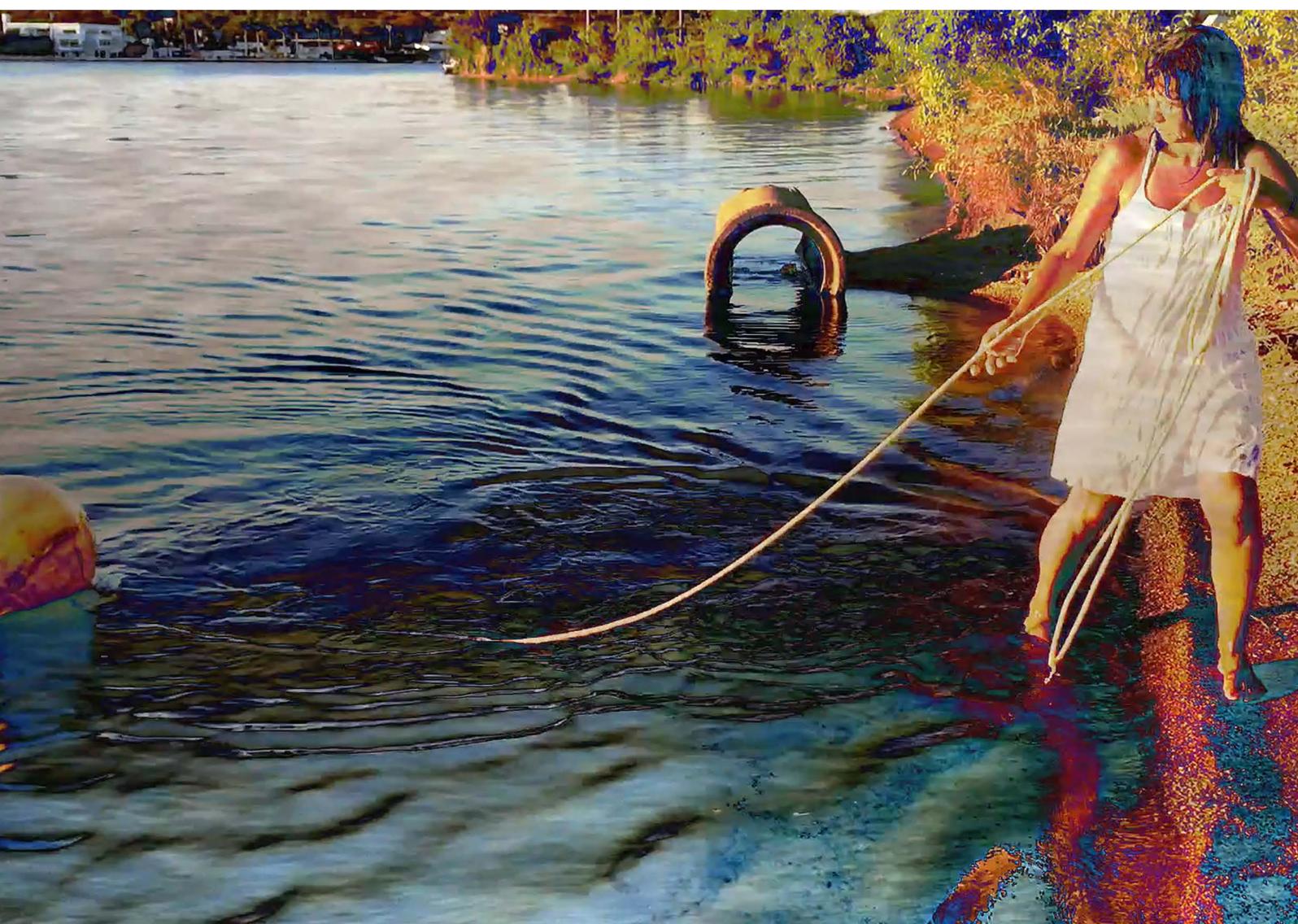
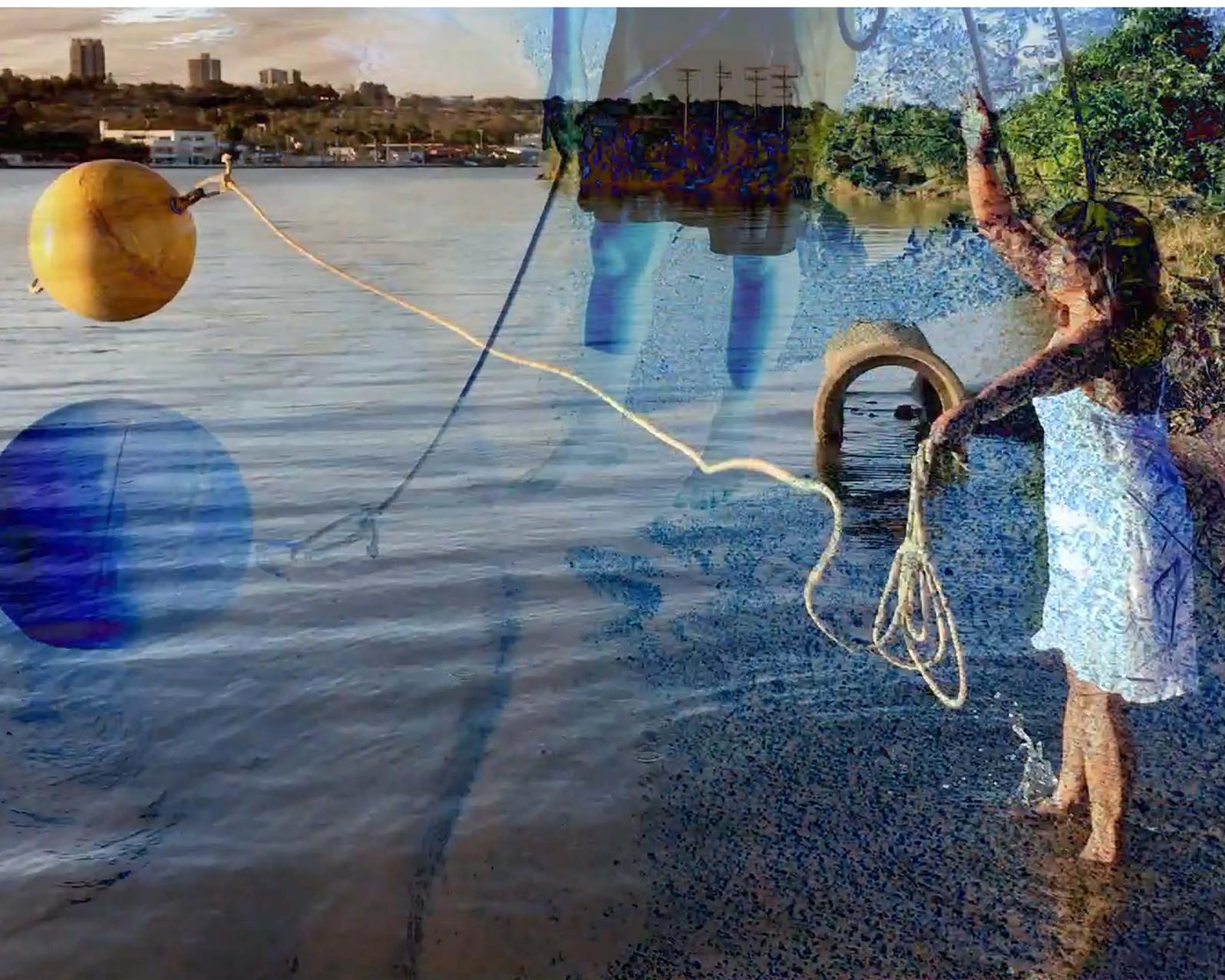


Figura 1 – Nivalda Assunção, *Pescar a linha do horizonte*, vídeo-performance, Brasília, 2016. Frame do vídeo.

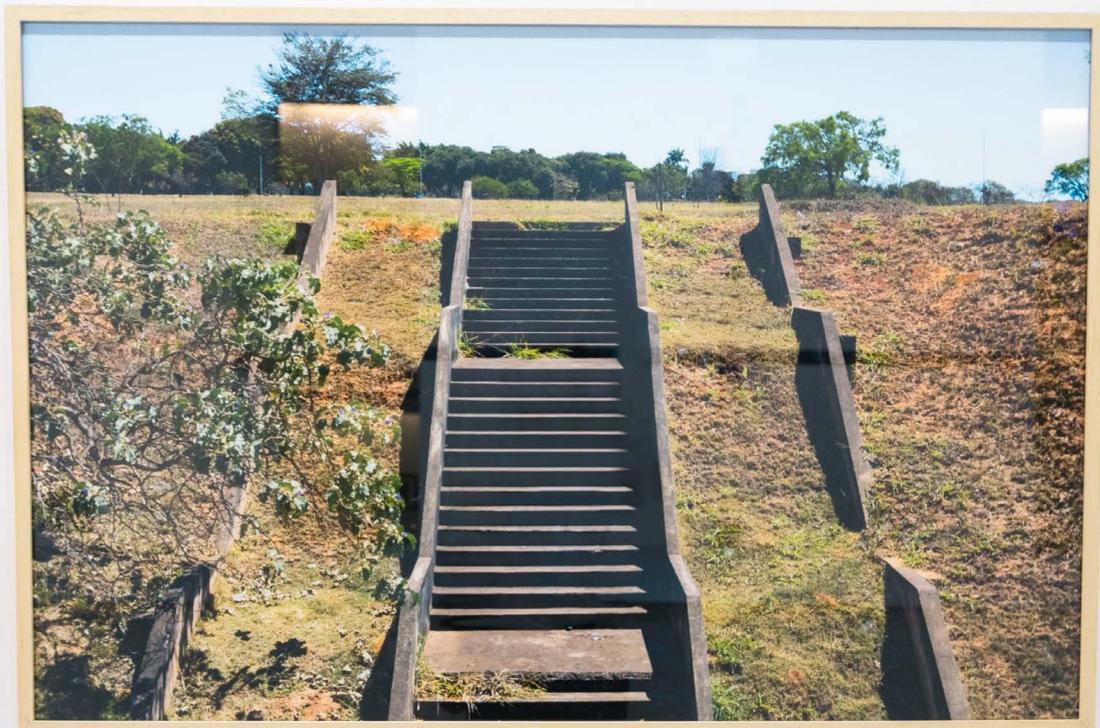
No vídeo-performance *Pescar a linha do horizonte* (2016), assumi uma espécie de controle entrópico do artificioso lago, em uma composição entre o geométrico, o figurativo e a cinética corporal indiciando a performance; desse modo, tento capturar a linha do horizonte dessa Brasília dita como simétrica e plana. O insólito deste gesto faz do meu percurso aquático um furo na mimesis do pescador, uma fratura de uma representação do signo pescar. Ali, no entrecruzamento de sentidos, a força para lançar a boia, o braço distendido e alto, a coreografia em um crepúsculo marcado pela pulsão lírica de uma dança impossível forja um evento plástico e sensorial de ecos do corpo plástico colorido (a bóia) e da corporeidade de um horizonte multicolorido em textura aquosa. O amarelo da bóia se dissemina e se tensiona na superfície de água, transformando-se em outras cores.

Figura 2 – Nivalda Assunção, *Pescar a linha do horizonte*, vídeo-performance, Brasília, 2016. Frame do vídeo.



Nas obras *Escada para o cerrado* (2017); *Bifurcação* (2018) e *Terra vermelha* (2019) a emergência da cidade se dá em um relevo outro da expectativa de edificações do projeto piloto; imagens como contranarrativas que realçam a presença do insólito mesmo diante de uma urbes enredada pelos cálculos. O contraproducente como signo de desvio, desvio como sentidos incalculáveis desta cidade planejada e como lugar do improvável. O absurdo como elemento lírico e poético que evoca o desejo do olhar do outro e assim elabora uma economia de alteridade constituída por essa diferença do signo, seja a escada, a cena escultórica da bifurcação em um canteiro central do lago sul ou a terra vermelha como espectro do que um dia foi Brasília, nos idos de sua construção.

Figura 3 – Nivalda Assunção, *Escada para o cerrado*, fotografia digital, Brasília, 2017. Foto: Havane Melo. Fonte: <https://planos-utpicos-expos.havanemelo.com/>



O sociólogo Richard Sennett apresenta dois conceitos importantes que valem para este ensaio e aqui refletem o material artístico que elege Brasília como interlocutora: nos valemos de suas categorias de civitas (vida social) e urbs (espaço físico, material) (SENNETT, 2008, p. 17) para pensarmos os efeitos de sentidos deste vídeo e fotografias. Sennett, ao refletir sobre os espaços urbanos dispersos que revelam um processo de apassivamento dos sujeitos e de seus corpos, nos dá fôlego para deslindar os registros e linhas de força dessa urbs cheia de reentrâncias e desvios de uma matriz primordial. Este conjunto de registros fazem emergir uma Brasília desentocada pelo olhar de uma transeunte. Corpos de concreto e corpo vegetal ganham espessura espacial e uma ontologia de pertencimento à civitas diante dessa pulsão de ver, registrar e circular esses lugares. Assim, retomo Sennett:

Corpos individuais que transitam pela cidade tornam-se cada vez mais desligados dos lugares que se movem e das pessoas com quem convivem nesses espaços, desvalorizando-os por meio da locomoção e perdendo a noção de destino compartilhado (SENNETT, 2008, p. 326).



Meu corpo em um périplo que não se percebe individual: escrutinar a cidade, palmilhá-la em busca de signos do urbanismo, de paisagismo, de construções, culmina em uma experiência com o coletivo, uma partilha com os outros que me interpelam sobre o trabalho. No caso da incursão ao Lago Paranoá, com uma entrada que não é aquela esperada da recreação, do lazer. Uma incursão aquática, esta, que busca transcriar um cartão postal de Brasília, o Lago Paranoá. Haroldo de Campos, ao tratar de seu ofício da tradução, cunhou o termo transluciferação, em seu processo de tradução de Fausto de Goethe para o português, para refletir sobre seu gesto de transcriar a partir dos signos dados em outra língua. E aqui endosso esse gesto do autor e tradutor ao me apropriar do lago em interferências corpóreas e digitais mirando o fluxo imaginativo dessa interferência e presença que são poéticas porque entregam ritmo, múltiplas significações e uma tradução imagética dessa jornada aquática.

A obra *Escada para o cerrado* inquieta porque ressoa uma experiência de não utilitarismo da grande cidade e sonda a complexidade permanente de se viver em um espaço urbano planejado. O conjunto de fotografias deflagra os pontos de contato e fricção entre o insólito e o planejado. Em *Bifurcação*, o galho como extensão anatômica da tampa da caixa de fiação forja uma cena plástica: a fotografia como movimento de inventariar a cidade. A cidade é representada em suspeição por uma produção documental que funciona em um ânimo de embate entre o utópico e seus vestígios, rastros e fragmentos.

Vídeo e fotografias operam uma espécie de suspensão de memória oficial da cidade para reconstruir novas rotas sobre um ethos imagístico e sentimental de Brasília. Este encontro entre escada, terra, água, galho, aciona a plasticidade da cidade em detrimento de uma ideia plasmada de cidade imutável. Fotografias e vídeos como inventários de modos de construção e permanência de uma cidade e paradoxalmente como encenação de um real (quase sempre registrado em uma instância realista) para que os outros lugares dos planos utópicos despontem forjando novos negativos sobre a cosmogonia de Brasília.

Figura 4 – Nivalda Assunção, *Bifurcação*, fotografia digital, Brasília, 2022. Foto: Havane Melo. Fonte: <https://planos-utpicos-expos.havanemelo.com/>

Figura 5 – Figura 4. Nivalda Assunção, *Terra vermelha*, fotografia digital, Brasília, 2023. Foto: Havane Melo. Fonte: <https://planos-utpicos-expos.havanemelo.com/>



REFERÊNCIAS

CAMPOS, Haroldo de. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981, p. 179-209: Transluciferação mefistofáustica.

SENNET, Richard. (2008). *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução de Marcos Aarão. Reis Rio de Janeiro: BestBolso.

BIOGRAFÍAS



Adriana Araujo

Desenvolve projetos em Artes Visuais, atuando principalmente nos seguintes temas: arte, instalação, meio ambiente e ações artísticas conjuntas. Doutoranda em Artes Visuais pelo PPGAV da UnB. Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV da UFBA. Professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Oeste da Bahia.

Ana Lúcia Canetti

Doutoranda em Artes Visuais (Universidade de Brasília), mestre em Psicologia (Universidade Federal de Santa Catarina), licenciada em Artes Visuais (Universidade Estadual do Paraná – Faculdade de Artes do Paraná) e psicóloga (Universidade Federal do Paraná). Artista visual com ênfase em escultura em cerâmica. www.analuciacanetti.com

Anésio Azevedo Costa Neto (stellatum_)

stellatum_ é o nome artístico de Anésio Neto, Doutor em Artes Visuais (UnB), artista sonoro visual e professor de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), onde também atua como pesquisador nos seguintes temas: Arte, Tecnologia, Ciência, Natureza e Espaço. stellatum_ explora o deslocamento espaço-temporal através de sons e imagens. Especificamente, suas composições sonoras transitam entre a música eletroacústica e a música ambiente, ora contando com paisagens sonoras naturais, ora com drones sintetizados. <https://open.spotify.com/artist/1i1zyhq7MnNKf4W7ffD7JH?si=8cVWb2ifRIGFjMsPCPtTnA>

Capra Maia

Doutoranda em Artes pela UFMG, Capra Maia investiga os efeitos que a passagem do tempo imprime na matéria por meio da atuação de agentes diversos.

Havane Melo

Professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Doutora em artes visuais e mestre em comunicação pela Universidade de Brasília. Artista visual com ênfase em fotografia, vídeo e design gráfico. Pesquisa narrativas ficcionais. www.havanemelo.com

Karine de Lima

Com especialização em Gestão Ambiental Integrada e mestrado em Artes pela Unb, desde 2016 dedica-se à produção artística e aos projetos envolvendo a relação entre corpo, espaço, cidade e natureza. Atualmente coordena a implantação do programa de educação urbanística ambiental da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano da Prefeitura de Belo Horizonte. www.karinedelima.org

Léo Tavares

Doutor em Artes Visuais pela Universidade de Brasília. Pesquisa a relação entre a palavra e a imagem. Autor de literatura, artista visual e professor. https://web.m-art.art/#/artistas/leo_tavares

Nivalda Assunção

Nivalda Assunção é Artista Visual, Arquiteta e Professora Associada do VIS/IdA/UnB. Doutorado em Arts et Science de L'art na Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) e Pós-Doc na École nationale supérieure d'architecture de Paris-La Villette (ENSAPLV) GERPHAU. Pesquisa a relação entre arte-cidade-natureza, processos artísticos ancorados em escultura, performance e tecnologias digitais. Líder do grupo de pesquisa GEPPA/CNPq. <http://lattes.cnpq.br/1324439742747081>

Paulo Vega Jr.

Artista plástico/visual, Doutor em Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Arte (PPG-ARTE), da Universidade de Brasília (UnB), área de concentração em Artes Visuais, linha de pesquisa em Poéticas Contemporâneas. Fez seu Estágio Doutoral na Universidade de Varsóvia (UW), no Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos (IBERYSTYKA). É Mestre em Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília. Possui Licenciatura Plena em Educação Artística - Habilitação em Artes Plásticas, pela Universidade de Caxias do Sul/UCS. Seus principais temas são: Arte Conceitual - anos 1960/1970; Arte Contemporânea; Autobiografia; Cotidiano; Identidade; Memória.

Priscilla Rampin

Artista Visual e professora do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Realiza trabalhos intermídia principalmente com gravura, fotoperformance e instalação. Cv lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/3247217836806199>

AGRADECIMENTOS

Ao Museu Universitário de Arte da
Universidade Federal de Uberlândia
(MUnA/UFU)

A Rodrigo Freitas Rodrigues
Coordenador Geral do MUnA

Às equipes do MUnA

Ao Instituto de Artes da UFU

Ao Instituto de Artes da Universidade
de Brasília (IdA/UnB)

Aos artistas participantes do GEPPA

FICHA TÉCNICA

Exposição

Curadoria

Capra Maia

Artistas

Adriana Araujo
Ana Lúcia Canetti
Anésio Azevedo Costa Neto
(stellatum_)
Capra Maia
Havane Melo
Léo Tavares
Nivalda Assunção
Paulo Vega Jr.
Priscila Rampin

Produção executiva

Capra Maia
Karine Lima
Priscila Rampin

Expografia

Karine Lima

Equipe do MUnA

Coordenação Geral e do Setor de
Montagem e Expografia:
Rodrigo Freitas Rodrigues

Coordenador do Setor de Acervo:
Alexander Gaiotto

Coordenador dos Setores de
Programação Visual e Informática:
Douglas de Paula

Coordenadora do Setor de Educativo:
Elsiene Coelho da Silva

Coordenadora do Setor de
Comunicação:
Mirna Tonus

Participantes da montagem
Ana Luísa Melgaço Guimarães
(Bolsista)
Corinne Barbosa Caldeira (Bolsista)
Rebecca Emília de Andrade Miotto
(Bolsista)
Sofia Martins de Oliveira (Bolsista)

Livro

Organização

Nivalda Assunção
Havane Melo

Textos de Apresentação:

Nivalda Assunção
Capra Maia
Rodrigo de Freitas

Comissão editorial:

Gabriela Lafetá - UFSJ
Ludimila Moreira Menezes - UnB
Tiago Samuel Bassani - IA/Unicamp

Textos de Artistas

Adriana Araujo
Ana Lúcia Canetti
Anésio Azevedo Costa Neto
Capra Maia
Havane Melo
Léo Tavares
Nivalda Assunção
Paulo Vega Jr.
Priscila Rampim

Projeto gráfico e Fotografia

Havane Melo

Imagem da capa

Nivalda Assunção

Revisão

Léo Tavares



ISBN: 978-65-980928-4-9

CSL



9 786598 092849